



RIO

PUC

Dissertação de Mestrado

Mediação de conflitos e diplomacia humanitária como instrumentos de “soft power”: O caso do Catar.

Adriano Cysne Gómez

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Relações Internacionais

Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 2026

Dissertação de Mestrado

Mediação de conflitos e diplomacia humanitária como instrumentos de “soft power”: O caso do Catar.

Adriano Cysne Gómez

Orientação: Professora Maíra Siman Gomes

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Análise e Gestão de Políticas Internacionais, no Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio.

Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 2026

Mediação de conflitos e diplomacia humanitária como instrumentos de "soft power": O caso do Catar.

Adriano Cysne Gómez

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Análise e Gestão de Políticas Internacionais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão examinadora abaixo:

Professora Maíra Siman Gomes

Orientadora

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

Professora Marta Regina Fernandez y Garcia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Professor Gabriel Fernandes Caetano

Universidade Federal do Tocantins

Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 2026

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Adriano Cysne Gómez

Graduou-se em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Análise e Gestão de Políticas Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Ficha Catalográfica

Gómez, Adriano Cysne

Mediação de conflitos e diplomacia humanitária como instrumentos de “soft power” : o caso do Catar / Adriano Cysne Gómez ; orientação: Maíra Siman Gomes. – 2026.

39 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2026.

Inclui bibliografia

1. Relações Internacionais – Teses. 2. Mediação. 3. Soft power. 4. Catar. 5. Diplomacia humanitária. I. Gomes, Maíra Siman. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Instituto de Relações Internacionais. III. Título.

CDD: XXX

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Início agradecendo a mim, pela minha força de vontade, por ter conseguido finalizar o Mestrado e chegar até aqui.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Agradeço muito também aos meus pais por todo o investimento na minha educação e formação profissional. Em especial à minha mãe Sheila por todo o apoio nesse e em todos os momentos da minha vida.

Gratidão aos amigos(as) e colegas do Mestrado que caminharam juntos nesse percurso, ao longo desses dois anos. Em especial pelos apoios durante trabalhos e aulas das disciplinas.

Agradeço a cada professor(a) do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio, pelos ensinamentos compartilhados, em especial Maíra, pela condução da minha orientação, por me ajudar muito ao longo dessa caminhada.

Aos professores que fizeram parte da minha banca de defesa, agradeço imensamente pela disponibilidade e por todos os ensinamentos.

Por fim, agradeço à Deus, por toda força que me deu ao longo desta etapa da minha vida.

Resumo

Gomez, Adriano; Gomez, Maíra. **Mediação de conflitos e diplomacia humanitária como instrumentos de “soft power”**: O caso do Catar, Rio de Janeiro, 2026. 40p. Dissertação de Mestrado - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Nos últimos anos, países do Golfo Pérsico emergiram como atores relevantes em processos de mediação de conflitos armados, o que conduz a questionamentos sobre a política externa desses países e como eles se utilizam dessas práticas como uma forma de projetar poder no Sistema Internacional. Nesse sentido, esta dissertação busca responder como o Catar faz uso de práticas de mediação de conflitos e de diplomacia humanitária como instrumentos de “soft power”. Dessa forma, para além da introdução e uma breve conclusão, a dissertação se divide em três seções. Na primeira, busca-se entender como o Catar desenvolveu diversos instrumentos de “soft power” ao longo dos últimos anos. Na segunda parte, busca-se abordar o histórico de engajamento do país na mediação de conflitos e no campo da diplomacia humanitária enfatizando as características e particularidades dessa atuação e entendendo como parte do “soft power” do país. Por fim, a terceira seção tem como objetivo analisar a temática específica de processos de troca de prisioneiros conduzidos pelo Catar nos últimos anos no contexto de conflitos armados, demonstrando como o país faz uso de instrumentos da mediação e da diplomacia humanitária. Como metodologia, a pesquisa se utiliza da análise de fontes primárias e secundárias, incluindo documentos governamentais e artigos acadêmicos, buscando compreender como esse “soft power” do Catar é construído e como o país consegue projetar poder dessa forma.

Palavras-Chave

Mediação; Soft power; Catar; Diplomacia humanitária

Abstract

Gomez, Adriano; Gomez, Maíra. **Conflict mediation and humanitarian diplomacy as instruments of "soft power": The case of Qatar**, Rio de Janeiro, 2026. 40p. Dissertação de Mestrado - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In recent years, Persian Gulf countries have emerged as relevant actors in armed conflict mediation processes, raising questions about these countries foreign policy and how they use these practices as a way to project power in the international system. In this sense, this dissertation seeks to answer how Qatar uses conflict mediation and humanitarian diplomacy practices as instruments of soft power. Thus, in addition to the introduction and a brief conclusion, the dissertation is divided into three sections. The first section seeks to understand how Qatar has developed various instruments of soft power over the last few years. The second section addresses the country's history of engagement in conflict mediation and humanitarian diplomacy, emphasizing the characteristics and particularities of this activity and understanding it as part of the country's soft power. Finally, the third section aims to analyze the specific theme of prisoner exchange processes conducted by Qatar in recent years in the context of armed conflicts, demonstrating how the country makes use of instruments of mediation and humanitarian diplomacy. As a methodology, the research uses the analysis of primary and secondary sources, including government documents and academic articles, seeking to understand how Qatar's soft power is constructed and how the country manages to project power in this way.

Keywords

Mediation; Soft Power; Qatar; Humanitarian Diplomacy

Sumário

1. Introdução	10
2. Catar: História e soft power	14
3. A atuação do Catar em mediação de conflitos e diplomacia humanitária	22
4. Intermediações para troca de prisioneiros por parte do Catar	29
5. Conclusão	33
6. Referências Bibliográficas	35

Lista de figuras

Figura 1 – Mapa do Catar

13

1

Introdução

Nos últimos anos, alguns países do Golfo Pérsico, que incluem Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen e Omã, têm se destacado, de diferentes formas, em processos de mediação e diplomacia humanitária. A mediação é uma das formas de resolução de conflitos, sendo que, por conta da soberania dos Estados, a decisão de optar por negociações e mediação para resolver disputas cabe às partes envolvidas no conflito (AL- MOHANNADI, 2024, p. 1).

Para entender como funciona a mediação de conflitos internacionais, também é importante compreender em que situações a mediação se torna necessária e iminente. Nesse sentido, a definição de William Zartman, uma das mais consolidadas, traz o conceito de impasse mútuo e doloroso (mutual hurting stalemate, em inglês), que se trata de uma situação em que os litigantes se sentem presos em um conflito custoso do qual não conseguem escapar por meio da vitória (DUURSMA, 2014, p. 83).

Já a diplomacia humanitária, por sua vez, tem como objetivo prevenir e aliviar o sofrimento causado por conflitos e violência, prestar assistência às vítimas e promover as normas do Direito Internacional Humanitário. A diplomacia humanitária não se limita à atuação do FICV (Federação Internacional do Crescente Vermelho) e do CICV (Comitê Internacional da Cruz Vermelha), sendo realizada por uma ampla gama de ONGs, cujos esforços têm como objetivo aliviar o sofrimento das pessoas e resolver os problemas urgentes das vítimas de crises (BOGATYREVA, 2022, p. 1352).

Nas últimas décadas, o Catar tem se destacado tanto na mediação de conflitos como na diplomacia humanitária. O país atraiu significativa atenção e gerou considerável controvérsia através da sua busca por diversos esforços de mediação de conflitos de alto nível (BARAKAT, 2014, p. 1). Em relação à diplomacia humanitária, o país também têm se demonstrado atuante, assim como outros Estados do Golfo, desempenhando papéis visíveis em intervenções humanitárias em ambientes afetados por conflitos e pós-conflitos nas últimas duas décadas (BARAKAT, 2024, p. 2).

A relevância do tema se justifica, portanto, por ser uma discussão bastante atual, sendo um assunto bastante estudado em ambientes acadêmicos, sobretudo no Oriente Médio. O Catar inegavelmente têm ganhado protagonismo em diversas áreas e construído poderosos instrumentos de soft power.

O trabalho tem como foco central discutir de que forma o Catar têm usado da mediação e da diplomacia humanitária para se projetar internacionalmente, como uma estratégia de soft power. O termo soft power foi utilizado pela primeira vez pelo cientista político e teórico das Relações Internacionais Joseph Nye. Em sua obra “Soft Power”, Nye define o poder brando como a capacidade de um país fazer com que os outros queiram fazer, o que ele quer, ao invés do poder coercitivo, ou “hard power”, em que consiste em ordenar que outros façam o que se deseja (NYE, 1990, p. 12). Enquanto o hard power consiste no uso do poder militar e econômico, podendo se basear em incentivos (carrots) ou ameaças (stick), o soft power, também por vezes chamado de “a segunda face do poder”, ocorre quando um país consegue obter os resultados que deseja na política mundial porque os outros países admiram os seus valores e emulam seu exemplo (NYE, 2009, p. 5).

Existem fundamentalmente três recursos de soft power que os países utilizam, sendo eles a sua cultura, em locais onde é atraente para outros, seus valores políticos, ao praticá-los tanto interna quanto externamente, e suas políticas externas, quando são vistas como legítimas e com autoridade moral (NYE, 2009, p. 5). Com bases nesses recursos, é possível citar variados exemplos de soft power praticados por diversos países.

Nye argumenta que, quando a cultura de um país inclui valores considerados como universais e suas políticas promovem valores e interesses que outros compartilham, isso aumenta as chances desse país obter os resultados desejados devido às relações de atração e dever que cria (NYE, 2009, p. 11). Entretanto, como afirma Nye, não se pode confundir o soft power como poder da cultura popular. Não se pode, portanto, cometer o erro de equiparar o comportamento de soft power aos recursos culturais que em certos casos ajudam a produzi-lo. A efetividade de qualquer poder, no fim, depende do contexto (NYE, 2009, p. 11, 12). Isso significa que é importante identificar as condições em que a atração tem maior probabilidade

de alcançar os resultados desejados e sob as quais não tem. Nye pondera, por exemplo, que a cultura popular tem maior probabilidade de atrair pessoas e produzir poder brando, no sentido de resultados preferenciais, em situações em que as culturas são de alguma forma semelhantes, em vez de muito diferentes (NYE, 2009, p. 15, 16).

No caso do Catar, um país pequeno, mas muito rico, o soft power tem sido utilizado de forma sistemática nas últimas décadas. A face mais visível do soft power catari pode ser identificada nos esportes, notavelmente no futebol, com o país investindo maciçamente em equipes tradicionais ao redor do mundo, como o Paris Saint-Germain, e também na organização de eventos futebolísticos no país, como a Copa do Mundo FIFA de 2022. É possível citar ainda a ascensão da Al Jazeera, rede de televisão estatal do país que se expandiu e atingiu alcance global, contando com repórteres e correspondentes ao redor de todo mundo, além de transmissões em inglês, sendo a mais influente no Oriente Médio hoje.

Para além desses elementos mais evidentes, o Catar, como veremos nesse trabalho, também se utiliza elementos como a mediação de conflitos armados, tanto interestatais como intraestatais, além da diplomacia humanitária, para projetar seu poder no Oriente Médio e no mundo.

Após essa breve Introdução, o trabalho se desenvolve em três partes. Na primeira parte, faz-se uma breve apresentação de elementos políticos, econômicos e sociais definidores do Catar e aborda-se como o país desenvolveu poderosos instrumentos de soft power ao longo das últimas décadas.



Figura 1 – Mapa do Catar

Na segunda parte, discute-se o histórico de engajamento do país na mediação de conflitos e no campo da diplomacia humanitária, buscando entender como isso se insere no exercício de soft power do Catar. Na terceira parte, o trabalho traz alguns dados e reflexões a respeito da prática de trocas de prisioneiros conduzidas pelo país em contextos de conflitos. Por fim, na conclusão, reflete-se sobre como insere como estratégia de soft power do país e quais são os resultados disso para o Catar.

Em termos metodológicos, a pesquisa se apoia em fontes secundárias da literatura especializada, em uma análise de documentos governamentais do Catar obtidos por meio do Ministério das Relações Exteriores e em análise de matérias jornalísticas. Em relação às fontes secundárias, a pesquisa se utiliza principalmente de autores árabes e da região do Oriente Médio e de trabalhos acadêmicos produzidos em universidades na região.

2

Catar: história e soft power

O Catar é um país localizado na península Arábica, na região do Oriente Médio. Apesar de seu pequeno tamanho, possui uma alta renda per capita, principalmente devido às suas vastas reservas de petróleo e gás natural, que ainda respondem por grande parte do PIB do país ¹.

Em relação à forma de governo, o país é um Emirado, sendo o Emir considerado o chefe de Estado, Comandante-em-Chefe das Forças Armadas e representante do Estado interna e externamente, bem como em todas as relações internacionais ². O sistema de governo do país baseia-se no princípio da separação e da colaboração entre os poderes, em que o Emir exerce o poder executivo, auxiliado por um Conselho de Ministros, conforme previsto na Constituição. O Conselho Consultivo (Shura) é a autoridade legislativa. A autoridade judicial é exercida pelos tribunais, em conformidade com a Constituição ³.

No Catar, os estrangeiros constituem entre 85% e 90% de sua população. Aproximadamente 1 milhão de trabalhadores estrangeiros estão empregados na construção civil, enquanto que outros 100 mil são trabalhadores domésticos. O sistema Kafala ⁴ rege o emprego de trabalhadores imigrantes no país, facilitando abusos, uma vez que confere aos empregadores um controle excessivo sobre os empregados, incluindo o poder de impedi-los de mudar de emprego, de escapar de situações de trabalho abusivas e, em alguns casos, até de deixar o país ⁵.

Na prática, o país é comandado pela maior família governante do Golfo Pérsico, a família Al Thani, que não tolera oposição política. O domínio da família Al Thani no Catar remonta ao século XIX, quando, em uma disputa com o Bahrein, foi imposto um acordo, em 1868, pelo agente político britânico Coronel Lewis

¹ TAXA de Crescimento Anual do PIB do Catar. [S. l.]: Trading Economics, 2025. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/qatar/gdp-growth-annual>. Acesso em: 2 jan. 2026.

² SYSTEM of Government. [S. l.]: Amiri Diwan. Disponível em: https://www.diwan.gov.qa/about-qatar/system-of-government?sc_lang=en. Acesso em: 2 jan. 2026.

³ Idem

⁴ O sistema Kafala é um regime de patrocínio de trabalhadores migrantes predominante no Golfo Pérsico (Bahrein, Kuwait, Catar, Omã, Arábia Saudita, EAU) e Líbano, onde empregadores garantem vistos e status legal.

⁵ WORLD Report 2020: Qatar. [S. l.]: Human Rights Watch, 2020. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2020/country-chapters/qatar>. Acesso em: 16 jan. 2026.

Pelly. Este acordo foi um marco na história do Catar, uma vez que, além de resolver a disputa com o Bahrein, reconheceu explicitamente a posição de Muhammad ibn Thani ibn Muhammad, um importante representante das tribos da península ⁶. Em seguida o país alternou entre períodos de ocupação otomana e britânica. A descoberta do petróleo, base da economia do país, ocorreu em 1939, mas sua exploração esteve interrompida entre 1942 e 1947 por conta da Segunda Guerra Mundial ⁷.

Em 1968, os britânicos já haviam anunciado a intenção de se retirarem dos compromissos militares a leste de Suez, incluindo aqueles em vigor com o Catar, em até 3 anos. Durante um tempo, governantes do Bahrein, do Catar e da Costa da Trégua (Atual Emirados Árabes Unidos) cogitaram formar uma federação após a retirada britânica ⁸. Demonstrando apoio à federação, Ahmad ibn Ali promulgou uma constituição provisória em abril de 1970, declarando o Catar um Estado árabe, islâmico e independente, com a sharia (lei islâmica) como sua lei fundamental. Khalifa ibn Hamad foi nomeado primeiro-ministro em maio. O primeiro Conselho de Ministros tomou posse em 1º de janeiro de 1970, com sete de seus dez membros sendo da família Al Thani. O Catar se tornou independente oficialmente em 3 de Setembro de 1971 ⁹.

O país passou por uma transformação, entre meados da década de 1960 e meados da década de 1980, deixando de ser de um protetorado britânico pobre, conhecido especialmente pela pesca de pérolas, para um Estado independente, com infraestrutura, serviços e indústrias modernas ¹⁰. Assim como em outros países cuja base da economia é o petróleo, o desenvolvimento do Catar esteve atrelado à do mercado mundial de petróleo. Por conta disso, o final da década de 1980 e o início da 1990, o país ficou marcado por uma relativa austeridade, com projetos de desenvolvimento cancelados ou adiados. Apesar disso, foi um período em que o Catar também se transformou significativamente, iniciando uma mudança de uma

⁶ QATAR - Historical Background. *In*: METZ, Helem Chapin. **Persian Gulf States: A Country Study**. Washington: GPO for the Library of Congress, 1993. Disponível em: <https://countrystudies.us/persian-gulf-states/68.htm>. Acesso em: 15 jan. 2026.

⁷ Idem

⁸ Idem

⁹ Idem

¹⁰ Idem

economia dependente quase que inteiramente do petróleo para uma pela exploração do gás natural do Campo Norte, o maior campo de gás natural do mundo ¹¹.

Foi justamente a partir do período de prosperidade econômica, a partir dos anos 1960, que ocorreu em meio à independência do país, com o fim do domínio britânico, que o Catar passou a utilizar mais ativamente instrumentos de soft power em sua política externa, procurando se estabelecer como um ator regional relevante na região do Golfo Pérsico. Esses instrumentos incluem principalmente investimentos em esportes, meios de comunicação, mediação de conflitos e diplomacia humanitária.

Por um lado, os autores Taha Naier e Ravza Altuntaş Çakir abordam a ascensão do soft power do Catar, destacando sua ascensão regional a partir dos anos 1990. Antes uma sombra da Arábia Saudita, a descoberta de gás natural liquefeito e o lançamento do canal Al-Jazeera. (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 43).

Al Mohannadi, por sua vez, destaca também a ascensão ao poder do Emir Hamad em 1995, que ocorreu após um golpe brando contra o seu pai, Emir Khalifa Al-Thani, que mudou de forma significativa a Política Externa do Catar, com o país passando a buscar uma forma de atuação internacional mais assertiva e independente, procurando especialmente estabelecer boas relações com países vizinhos, como Irã, Iraque e mesmo Israel (AL-MOHANNADI, 2024, p. 76).

Nesse contexto, Naier e Altuntaş Çakir destacam que a adoção de ferramentas de soft power foi uma das estratégias das quais o Catar se utilizou para se projetar internacionalmente, consolidando sua influência no Oriente Médio. Além do desejo de construir uma política externa independente, o país também procurava competir com as potências tradicionais pela liderança regional (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 45).

A estratégia de soft power foi claramente estabelecida durante o reinado do Emir Hamad. Essa estratégia se baseou na adoção de políticas equilibradas e realistas, levando em consideração as potências regionais da região. O Emir conseguiu se utilizar dos recursos econômicos do Estado e transformá-los em ferramentas eficazes a serviço da política externa (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR,

¹¹ Idem

2021, p. 45). Entre as principais ferramentas de soft power no início de seu reinado, destacam-se três: diplomacia de mediação, uma influente rede de mídia e instituições de ensino superior, atraindo estudantes estrangeiros. Naier argumenta que o Emir alcançou seus objetivos com a ascensão do Estado como um ator influente no cenário da política internacional (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 45).

Em relação à mediação de conflitos, o Catar começou a se destacar nessa temática a partir dos anos 2000, mediando por exemplo um cessar-fogo no Iêmen em junho de 2007, um acordo de paz também no Iêmen em 2008, um acordo de paz entre o Sudão e o Chade assinado em 2010, um cessar-fogo entre o Djibouti e a Eritreia em 2011, entre outros¹². Na próxima seção desta pesquisa, abordaremos com maior profundidade como o Catar utilizou a mediação de forma estratégica para projetar poder.

Naier e Altuntaş Çakir destacam em seu artigo a ascensão da Al Jazeera. A rede foi fundada em 1996, um ano após a ascensão do Emir Hamad, e representou uma mudança nos objetivos e na estrutura do espaço informativo árabe, adotando desde o primeiro momento slogans como independência e neutralidade (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 46).

Em pouco tempo, a Al Jazeera conseguiu se expandir em termos de influência, rivalizando com outras redes globais como CNN, Sky e BBC. Essa influência aumentou especialmente após o lançamento da Al Jazeera English, além de canais como Al Jazeera Sports, Al Jazeera Children, Al Jazeera Mubashir e Al Jazeera Documentary (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 46).

Além disso, a Al Jazeera não se limitou a um canal de televisão tradicional e expandiu as suas atividades, criando braços amplos e influentes, como festivais anuais, o Centro de Treinamento Al Jazeera, o Centro de Direitos Humanos Al Jazeera, o Centro de Estudos Al Jazeera, a Al Jazeera Net, entre outros, se tornando

¹² QATAR'S MEDIATION EFFORTS. [S. l.]: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/foreign-policy/mediation/mediation>. Acesso em: 16 jan. 2026.

uma agente na formação dos acontecimentos. (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 46).

Para se tornar uma ferramenta importante na estratégia de soft power do Catar, como uma das armas mais importantes na defesa dos interesses do Estado, a Al Jazeera atuou em três frentes. Na primeira, se destaca a sua ampla base de apoio, que lhe permitiu orientar e influenciar a opinião pública árabe. A rede se beneficiou do amplo apoio financeiro do Catar para promover suas políticas e cultura (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 46).

Em outra frente, a Al Jazeera proporcionou uma plataforma atrativa para políticos e elites científicas e intelectuais, e, por fim, nos últimos anos do reinado do Príncipe Hamad, a rede se constituiu como uma arma dissuasora para contrariar campanhas de incitação política e mediática. Além disso, tornou-se o principal pilar da política externa do Qatar, sendo utilizada pelo Estado como parte das suas ferramentas de negociação com os seus oponentes. (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 46).

Além disso, a Al Jazeera também se tornou motor de revoluções e apoiadora de governos pós-Primavera Árabe. Isso contribuiu para que a rede conquistasse público em países da região, construindo uma reputação de confiabilidade e proporcionando ao Catar oportunidade de expandir sua influência na área do golfo (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 46).

No entanto, apesar de ter se constituído como uma poderosa ferramenta de soft power do Catar, conquistando apoio e influência de diversas formas, a Al Jazeera também é alvo de críticas e controvérsias, sobretudo por parte de governos vizinhos. A rede recebeu inúmeras acusações, principalmente sobre a interferência em assuntos internos de outros países e sobre o acolhimento de opositores de regimes árabes para criticar seus governantes (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 46).

Além da Al Jazeera, Osman Antwi-Boateng destaca outros elementos de soft power do Catar, como a sua aliança militar com os Estados Unidos, que se manifesta, por exemplo, com a presença da base militar americana CENTCOM. Essa aliança permitiu que o Catar se envolvesse em uma intervenção humanitária militar na Líbia, além da participação com poder militar na derrubada do regime de

Gaddafi. Além disso, ela protege o Catar contra qualquer ameaça regional imediata e preserva o poder e a autoridade da dinastia Al-Thani (BOATENG, 2013, p. 40).

Essa aliança se traduz em poder brando uma vez que melhora a imagem do Catar regional e mundialmente como um país estável que tem a aprovação e a atenção de uma superpotência, permitindo assim que o Catar utilize esse benefício para exercer influência de soft power em locais onde possa servir como interlocutor entre os EUA e seus aliados do Oriente Médio e muçulmanos, que são cautelosos e desconfiados das motivações americanas (BOATENG, 2013, p. 40).

Um outro elemento de destaque presente na estratégia de soft power do Catar é o que o autor chama de “carrots diplomacy” (diplomacia da cenoura), que é a utilização de grandes somas de dinheiro para a reconstrução de infraestrutura para países devastados por guerras e com dificuldades financeiras, após uma solução pacífica (BOATENG, 2013, p. 44).

O Catar também se notabiliza pela sua participação em ajudas externas. Países que fazem o uso desse instrumento geralmente geram uma imagem positiva, pois isso melhora sua reputação entre os beneficiários. Além disso, o beneficiário da ajuda de hoje é um potencial aliado futuro por meio da influência do soft power. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Catar, o total da ajuda humanitária e para o desenvolvimento concedida pelo governo catariano entre 2010 e 2011 ultrapassou 1 bilhão de dólares americanos (BOATENG, 2013, p. 46).

O autor chama a atenção para o fato de que assistência humanitária indiscriminada do Catar pode render fortes dividendos nas relações exteriores dos governos e países beneficiários em um futuro próximo, já que o Catar se tornará um país atraente para negociar (BOATENG, 2013, p. 46).

Por meio da assistência externa e outras ferramentas de soft power, como a rede Al Jazeera e a “carrots diplomacy”, o Catar angariou capital político no Oriente Médio. Entretanto, a utilização de estratégias de soft power por parte do Catar também enfrentou obstáculos e críticas. Uma das mais frequentes é o fato do país promover valores que não pratica internamente. De acordo com o Índice de Democracia de 2010, divulgado pela Unidade de Inteligência Econômica, o Catar ficou em 137º lugar entre 167 países. Um fator que contribui para a baixa classificação democrática do Catar é sua nota 0 em processo eleitoral e pluralismo

(BOATENG, 2013, p. 47). Para Boateng, isso mostra como o Catar é um regime autoritário e com pouca autoridade moral para ser o porta-voz da democracia no Oriente Médio (BOATENG, 2013, p. 47). Tal situação levanta questionamentos sobre os reais interesses do país no apoio a revoluções que buscam derrubar regimes autoritários no Oriente Médio.

O Catar também é alvo frequente de críticas em relação à situação dos direitos humanos no país. Desde que foi escolhido em 2010 para sediar a Copa do Mundo FIFA de 2022, o país se tornou alvo de um escrutínio intenso, sobretudo por parte da mídia ocidental, em veículos de comunicação como a BBC, a CNN, o Le Monde, o Guardian e o New York Times, e também por parte de ONGs como a Anistia Internacional e a Human Rights Watch (BRANNAGAN, GIULIANOTTI, 2018, p. 54).

As principais críticas recaem sobre o tratamento desumano que o país dispensa aos imigrantes, sobretudo aos trabalhadores da construção civil. A relutância do país em acabar com o sistema Kafala que vincula trabalhadores migrantes de regiões pobres a seus empregadores catarianos em termos legais e sociais, foi alvo de intensos protestos. Esse sistema viola os direitos humanos dos trabalhadores ao restringir liberdades básicas (incluindo a proibição de sindicatos ou protestos civis), deixando repetidamente de pagar salários e relegando-os a condições de vida e de trabalho precárias, o que levou à morte de “milhares” de trabalhadores em canteiros de obras no Catar nos últimos anos (BRANNAGAN, GIULIANOTTI, 2018, p. 54). Todas essas críticas e denúncias são um obstáculo às pretensões do país de projetar uma imagem positiva na região e no mundo.

A ajuda externa promovida pelo Catar também é alvo de reações negativas, inclusive em países beneficiados por investimentos e ajuda externa catariana, onde há a percepção de uma compra de influência. Ainda que as elites nos países onde o Catar investe possam cortejar ou acolher esses investimentos, uma parcela da população pode ressentir-se disso e ver isso como uma tentativa do Catar de apoiar uma facção política dentro do país (BOATENG, 2013, p. 48).

De fato, existe um ressentimento crescente na Europa, mas também no Oriente Médio com a atuação do Catar em investimentos internacionais. Um exemplo disso pode ser encontrado na Líbia, após a queda de Gaddafi em 2011.

Após inicialmente elogiarem o país por seu papel na derrubada de regimes autoritários na região, manifestantes na Líbia se voltaram contra o Catar por financiar a Irmandade Muçulmana naquele país (BOATENG, 2013, p. 48).

Além disso, um outro acontecimento relevante que colocou em xeque a capacidade do Catar de exercer influência na região do Golfo Pérsico foi a crise diplomática com os vizinhos árabes em 2017. Naquela ocasião, um quarteto formado por Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Egito emitiu repentinamente uma declaração rompendo relações diplomáticas com o Catar. Com o objetivo de isolar o país do mundo, impuseram um bloqueio aéreo, marítimo e terrestre (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 48).

Uma das razões que levou à escalada da crise de 2017 foi justamente a publicação de notícias e declarações atribuídas ao príncipe Tamim do Catar, por parte da mídia da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos, relacionadas a questões envolvendo o Irã, o Hamas e o Hezbollah. Os 4 países também anunciaram o rompimento das relações diplomáticas com o Catar (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 48).

A Al Jazeera também esteve no epicentro das tensões diplomáticas. Ocupando um lugar de grande destaque na estratégia de soft power do Catar, a rede evoluiu ao longo dos anos, e seu papel cresceu de um mero canal para uma ferramenta estratégica de grande influência. O papel que desempenhou na cobertura dos eventos da Primavera Árabe gerou tensões geopolíticas, além de abrir espaço para opositores da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos e permitir críticas às políticas desses países. Por isso, sempre foi motivo de críticas e conflitos entre a Arábia Saudita e o Catar (NAIER, ALTUNTAŞ ÇAKIR, 2021, p. 48).

Esses acontecimentos demonstram, portanto, que o Catar dispõe de fato de grandes e diversificadas ferramentas de soft power para projetar influência e angariar apoio na região do Oriente Médio. Entretanto, também existem fatores que limitam e impõem obstáculos à essa estratégia, o que acarreta um relacionamento conturbado do Catar com seus vizinhos mais próximos. Além disso, o país enfrenta severas críticas relacionadas à situação dos direitos humanos, sobretudo no Ocidente.

Na seguinte seção, exploraremos com mais detalhes a atuação do Catar nas áreas de mediação de conflitos e diplomacia humanitária, e como isso se insere em sua estratégia de soft power.

3

A atuação do Catar em mediação de conflitos e diplomacia humanitária

Nas últimas décadas, o Catar tem se destacado em processos de mediação de conflitos e diplomacia humanitária, especialmente na região do Oriente Médio. Essa atuação também coincide com as mudanças que ocorreram na política externa do país após a ascensão do Emir Hamad ao poder, em 1995. A partir daí, o país buscou uma forma de atuação internacional mais assertiva e independente, não mais influenciada pela Arábia Saudita.

A partir da metade da década de 1990, o Catar procurou estabelecer boas relações com países vizinhos, como Irã, Iraque e mesmo Israel (AL-MOHANNADI, 2024, p. 76). Nesse contexto, o país incluiu a mediação como um princípio constitucional, especialmente em seu artigo 7 onde se diz que a “A política externa do Estado é baseada no princípio do fortalecimento da paz e segurança internacionais, utilizando o incentivo à resolução pacífica de disputas internacionais, deve apoiar o direito dos povos à autodeterminação, não deve interferir em assuntos domésticos dos Estados e deve cooperar com nações amantes da paz” (AL-MOHANNADI, 2024, p. 80). O atual ministro das Relações exteriores do Catar, Dr. Mohammed bin Abdulaziz bin Saleh Al Khulaifi, também enfatiza o compromisso do país com a mediação de conflitos, reconhecendo sua capacidade de reduzir tensões, prevenir escaladas e construir uma paz duradoura ¹³.

Desde meados dos anos 2000 o Catar se tornou um dos mediadores mais ativos do mundo em conflitos regionais e intra-estatais no Oriente Médio e em partes da África. Destaca-se a participação catari em esforços de mediação de

¹³ MINISTER of State for Foreign Affairs: Mediation Is Essential Tool for Solving International Disputes. Oslo: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 11 jun. 2024. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/2024/06/11/minister-of-state-for-foreign-affairs--mediation-is-essential-tool-for-solving-international-disputes>. Acesso em: 18 jun. 2025.

conflitos no Líbano, Sudão, Iêmen, Palestina, Djibuti, Eritreia, entre outros. Nesses processos, o país buscou ativamente se posicionar como um mediador honesto interessado na paz e na estabilidade (KAMRAVA, 2011, p. 539).

Kamrava destaca que, em geral, são as grandes potências e as potências médias que normalmente se envolvem em processos de mediação de conflitos, na condição de mediadores principais. O papel da Noruega no patrocínio das negociações secretas que levaram aos Acordos de Oslo de 1993 uma grande exceção. Na região do Oriente Médio, especificamente, esses processos foram tradicionalmente emcabeados pela Arábia Saudita e pelo Egito. O caso do Catar é único, tanto regionalmente quanto globalmente, ainda mais levando em consideração o seu tamanho (KAMRAVA, 2011, p. 541).

As motivações que levam o Catar a se posicionar como um mediador de conflitos não são muito diferentes das de outros Estados. Destacam-se a busca por protagonismo internacional, por poder político regional ou global. Além disso, Os Estados também podem se envolver em mediação porque os custos potenciais de permanecer inerte enquanto um conflito se intensifica são vistos como maiores do que os riscos em se tornar um mediador, entre outros (KAMRAVA, 2011, p. 541).

Além disso, para o Catar, os esforços de mediação servem a propósitos específicos relacionados à construção de marca. O Catar busca consolidar a imagem de um mediador experiente com histórico comprovado, uma potência diplomática regional e um intermediário honesto, um ator sábio e maduro interessado na paz e na estabilidade tanto em sua vizinhança imediata quanto além dela (KAMRAVA, 2011, p. 542).

Uma característica marcante dos processos de mediação liderados pelo Catar é que eles ocorreram sob holofotes frequentes de veículos de comunicação locais e regionais, com diplomatas cataris de alto escalão concedendo entrevistas à mídia enquanto o processo ainda esta em andamento. Isso representa uma ruptura com processos de mediação tradicionais, que costumam ser sigilosos, e contribuir para a construção de uma imagem positiva para o país (KAMRAVA, 2011, p. 542).

Barakat destaca que os mediadores internacionais podem ser enquadrados em 5 categorias distintas: a) organizações internacionais (por exemplo, as Nações Unidas); b) organizações governamentais regionais (por exemplo, a Liga Árabe);

c) organizações não governamentais (por exemplo, o Centro para o Diálogo Humanitário, em Genebra); d) indivíduos (por exemplo, o ex-presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, ou o ex-presidente da Finlândia, Martti Ahtissari) e Estados (por exemplo, a Noruega) (BARAKAT, 2014, p. 10).

Enquanto as organizações tendem a se envolver em processos de mediação devido aos seus mandatos, e os indivíduos podem ser motivados por razões altruístas, os Estados frequentemente consideram os benefícios estratégicos ao decidir se devem assumir o papel de mediador. Entretanto, estados pequenos, como o Catar, normalmente têm interesses estratégicos reduzidos a serem considerados (BARAKAT, 2014, p. 10). Suas motivações para se envolverem em mediações geralmente são dissociadas de interesses estratégicos mais amplos e são enquadradas em um compromisso com a paz como parte de estratégias de “promoção estatal” que aprimoram seu soft power ou influência cultural (BARAKAT, 2014, p. 10). Nesse caso, o engajamento do Catar em processos de mediação de conflitos visam obter ganhos políticos, como estabelecer uma reputação de pacificador à semelhança da Noruega ou da Suécia, ou aumentar o poder e a influência do Estado na região contra potências vizinhas mais estabelecidas, como a Arábia Saudita e o Egito (BARAKAT, 2014, p. 10).

Apenas entre 2008 e 2016, o Catar participou ativamente em cerca de 10 processos de mediação de crises regionais e internacionais, utilizando esforços diplomáticos e políticos nos níveis regional e internacional para mediar disputas entre grupos, entidades e estados. O envolvimento do país ocorreu a pedido das partes em conflito, respeitando os princípios do direito internacional, como a não interferência e a busca por soluções de longo prazo. Pelo fato de o Oriente Médio ser uma região historicamente conflituosa, o Catar enxergou uma oportunidade de emergir como um mediador de destaque na região (AL-MOHANNADI, 2024, p. 87).

Além disso, Barakat, em artigo publicado em 2014, destaca que o país conseguiu construir uma imagem de ator neutro e imparcial que outros países da região, como Arábia Saudita e Egito, não possuíam. Ao contrário, eles carregavam um longo histórico de envolvimento em assuntos regionais, com legados não totalmente positivos. Um exemplo disso pode ser encontrado no Iêmen, em que

tanto Arábia Saudita e Egito apoiaram atores domésticos rivais na década de 1960, enquanto a Arábia Saudita se envolveu diretamente na guerra no Iêmen em 2009. Nesse contexto, antes de 2011, o Catar gozava de um certo grau de neutralidade percebida, um fator importante para levar as partes à mesa de negociações (BARAKAT, 2014, p. 12).

Também é possível compreender a inserção do Catar em processos de mediação como parte de sua estratégia de soft power. Essa forma de atuação internacional serve como uma poderosa ferramenta de poder brando, e o Catar emprega estrategicamente esforços de mediação para fortalecer sua posição como um ator responsável e construtivo no cenário global. Ao demonstrar suas capacidades diplomáticas, seu compromisso com a resolução de conflitos e sua disposição para dialogar com as partes em conflito, o Catar aprimora seu poder brando (OYBEK, 2024, p. 518).

Após entendermos as motivações que levam o Catar a se colocar como um estado mediador, sobretudo na região do Oriente Médio, também é importante entendermos os métodos empregados, sua eficácia e também suas limitações.

Entre os métodos empregados pelo Catar em processos de mediação, destacam-se a diplomacia de segunda via (*Track II diplomacy*) e a realização de negociações de paz. A diplomacia de segunda via refere-se a canais de comunicação e negociação não oficiais e independentes que operam fora das estruturas governamentais formais. O Catar utiliza uma ampla rede de comunicação e relacionamentos para fomentar o diálogo e construir confiança entre partes envolvidas em conflito. Uma das vantagens dessa abordagem é sua flexibilidade e informalidade, permitindo que mediadores se envolvam com uma ampla gama de partes interessadas, incluindo atores não estatais, sem as restrições dos protocolos diplomáticos formais ou do escrutínio público (OYBEK, 2024, p. 519). Tal abordagem tem permitido que o Catar busque soluções criativas para conflitos complexos, permitindo a construção de confiança entre os lados opostos e estabeleça as bases para futuras negociações oficiais. Os esforços do Catar na diplomacia de segunda via frequentemente envolvem a facilitação da comunicação entre as partes em disputa, a exploração de pontos em comum e a identificação de áreas potenciais para compromisso (OYBEK, 2024, p. 519).

As iniciativas diplomáticas de segunda via do Catar frequentemente vêm acompanhadas de medidas de fomento da confiança destinadas a criar um ambiente propício ao diálogo e à reconciliação. Essas medidas podem incluir a libertação de presos políticos, o fornecimento de ajuda humanitária ou acordos para cessar as hostilidades, que servem para reforçar a confiança e demonstrar o compromisso do Catar com a promoção da paz e da estabilidade na região (OYBEK, 2024, p. 519).

O Catar também promove com frequência a realização de negociações de paz. A capital Doha, com modernas instalações e infraestrutura para conferências, ganhou reputação como uma cidade anfitriã neutra, hospitalar e segura para tais encontros. Ao servir como um local neutro para negociações de paz, o Catar oferece às partes em conflito um espaço seguro e neutro para se engajarem em diálogo e negociações, longe das tensões e distrações da zona de conflito. Isso permite que os participantes se concentrem em questões-chave, explorem soluções potenciais e construam confiança em um ambiente favorável e próprio (OYBEK, 2024, p. 519). Todos esses elementos têm contribuído para que o Catar ganhasse prestígio internacional no campo da mediação de conflitos. Ainda que tenham havido alguns obstáculos, o país se notabilizou como um mediador confiável e imparcial.

Um limitação da abordagem do Catar no campo da mediação refere-se à sua atuação na fase de implementação dos acordos firmados, fase muitas vezes negligenciada, pois os atores externos perdem o interesse após a assinatura de um acordo, direcionando sua atenção para outros assuntos. Essa é uma área que a mediação catari deixa a desejar, e o país é frequentemente criticado por não garantir que os planos de implementação sejam suficientemente robustos e inclusivos (BARAKAT, 2014, p. 25).

Outras críticas à atuação catari no campo da resolução de conflitos apontam para a falta de cumprimento dos acordos a longo prazo. Um exemplo disso ocorreu no Iêmen, onde o Catar acabou por se retirar do processo de mediação e não investiu nas áreas afetadas pelo conflito, como prometido (BARAKAT, 2014, p. 25). Uma das explicações para essa limitação na mediação do Catar se deve ao fato de que esse tipo de acompanhamento exige infraestrutura para um engajamento sustentado na fase pós-mediação, mesmo antes do início das negociações. Entretanto, isso é difícil para o Catar, devido ao número escasso de funcionários públicos com as

habilidades, conhecimento e experiência necessários para apoiar tal engajamento (BARAKAT, 2014, p. 25).

Por conta disso, o autor observa que o Catar não desenvolveu um modelo bem definido de mediação por terceiros. Em vez disso, tem se baseado em uma combinação de riqueza e relações estratégicas, muitas vezes pessoais, com diversas partes para levá-las à mesa de negociações (BARAKAT, 2014, p. 26).

Além disso, com a eclosão da Primavera árabe em diversos países da região, o Catar passou de um foco na mediação paciente para a defesa da intervenção e do confronto. Isso foi impulsionado pela opinião do Emir Hamad de que era o momento certo para o Catar assumir um papel regional maior (BARAKAT, 2014, p. 29). Um exemplo disso ocorreu na Líbia, em que o Catar, apesar de ter mantido laços cordias com o regime de Gaddafi anteriormente, ajudou a mobilizar a Liga Árabe e a comunidade internacional em apoio a uma zona de exclusão aérea, que tomou forma na Resolução 1973 do Conselho de Segurança da ONU, destinada a restringir os ataques do regime, e inclusive enviou seis caças Mirage para se juntar ao esforço (BARAKAT, 2014, p. 30).

Ações parecidas também ocorreram em países como Egito e Síria, com o Catar aumentando dramaticamente doações ao Egito com a ascensão da Irmandade Muçulmana ao poder após a queda do regime de Mubarak, a também fornecendo suporte à grupos rebeldes na Síria, e liderando os esforços da Liga Árabe para suspender o país da organização, após o início da guerra civil (BARAKAT, 2014, p. 30).

Nesse sentido, é possível afirmar que, por um lado, o Catar inegavelmente ganhou prestígio e inserção internacional ao se engajar em diversos processos de mediação nas últimas décadas, com o país ganhando confiança de muitos atores envolvidos em conflitos. Ao mesmo tempo, o país também enfrenta limitações nessa área, especialmente no que se refere à fase de implementação de acordos de longo prazo e um histórico recente de intervencionismo em conflitos e crises, o que também coloca eventualmente em xeque sua reputação como um mediador imparcial.

Ainda assim, o envolvimento do Catar em processos de mediação pode ser compreendido como parte da influência cada vez maior das potências médias na

política internacional, e também um reflexo da dificuldade dos mediadores tradicionais em se adaptarem às complexidades de um mundo cada vez mais multipolar, interconectado e em rede.¹⁴ Enquanto os atores tradicionais do Ocidente possuem uma abordagem de resolução de conflitos voltada à promoção de valores como democracia e direitos humanos, os países do Golfo, como o Catar, têm uma ênfase maior na estabilidade, com uma abordagem mais pragmática e menos prescritiva ¹⁵.

Um outro campo em que o Catar têm se destacado nos últimos anos é o da diplomacia humanitária, que tradicionalmente abrange desde a negociação da presença de organizações humanitárias até a negociação do acesso a populações civis que necessitam de proteção em contextos de conflitos. Também envolve o monitoramento de programas de assistência, a promoção do respeito ao direito internacional e a defesa de objetivos humanitários mais amplos (DE LAURI, 2018, p.1).

O Catar têm atuado na diplomacia humanitária das mais diversas formas. Em 2016, o país se comprometeu publicamente a se tornar um grande doador humanitário, na Cúpula Humanitária Mundial, onde prometeu US\$ 10 bilhões em assistência na próxima década. Além disso, continuou a fazer contribuições voluntárias para muitas atividades e programas da ONU em todos os níveis e fortaleceu parcerias com diversas entidades da ONU para que elas possam implementar seus mandatos de forma eficaz (BARAKAT, 2024, p. 593.)

O Catar possui duas agências internacionais de implementação, a Qatar Charity e a Sociedade do Crescente Vermelho do Catar (QRCS), ambas atuando em projetos de ajuda humanitária. Devido aos seus vínculos com o CICV, a QRCS utiliza amplamente a ajuda humanitária em suas operações diárias, negociando o acesso a populações afetadas por conflitos nos ambientes operacionais mais difíceis, incluindo Somália, Sudão, Afeganistão e Síria (BARAKAT, 2019, p. 3).

¹⁴ MLADENOV, Nickolay. **The Arab Approach to Mediation—Reshaping Diplomacy in a Multipolar World**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/arab-approach-mediation-reshaping-diplomacy-multipolar-world>. Acesso em: 16 jan. 2026.

¹⁵ Idem

Entre alguns exemplos práticos da atuação do Catar no campo da diplomacia humanitária nos últimos anos, é possível citar uma atuação contínua na faixa de Gaza, no contexto do atual conflito entre Israel e Hamas, iniciado em outubro de 2023. Isso inclui a intermediação para a libertação de 100 reféns israelenses e a troca de 240 prisioneiros palestinos, para a evacuação de mais de 2 mil palestinos feridos, a evacuação de cidadãos estrangeiros da Faixa de Gaza a pedido de terceiros países, para a entrada de ajuda humanitária na Faixa de Gaza por terra, ar e mar, entre outras ações ¹⁶.

É importante compreender a atuação do Catar no campo da diplomacia humanitária também como parte de sua estratégia de soft power. Ao se posicionar como um relevante ator humanitário em contexto de conflitos, o país pode obter uma série de benefícios, desde o ganho de confiança por parte de outros países e atores internacionais até o aumento da simpatia pelo país, especialmente em regiões afetadas por conflitos armados e que dependem de ajuda humanitária. Também pode ser entendido como uma estratégia de melhorar a imagem do país, alvo de constantes críticas pela situação dos direitos humanos internamente.

Na próxima seção analisaremos uma atuação específica do Catar que pode ser entendida como parte de sua inserção no campo da diplomacia humanitária: a prática de intermediação para a troca de prisioneiros em diferentes contextos de conflitos.

4

Intermediações para troca de prisioneiros por parte do Catar

O Catar tem se destacado como um intermediador de destaque em processos de negociação para troca de prisioneiros. De acordo com dados disponibilizados pelo Ministério de Relações Exteriores do país, é possível identificar mais de 15 intermediações feitas pelo Catar entre 2004 e 2024 envolvendo processos como

¹⁶ QATAR'S MEDIATION EFFORTS. [S. l.]: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/foreign-policy/mediation/mediation>. Acesso em: 16 jan. 2026.

liberação e troca de prisioneiros ¹⁷. Tais intermediações buscam sobretudo aliviar o sofrimento de pessoas prisioneiras em contextos de conflitos. Outra característica marcante desses processos é o fato de que o país também oferece assistência médica e psicológica para os prisioneiros libertados na capital Doha.

Um caso importante de ser destacado é o de uma recente troca de prisioneiros entre Estados Unidos e Irã, países que não mantêm relações diplomáticas formais desde a Revolução Iraniana em 1979, intermediada pelo Catar¹⁸. Nesse contexto, segundo o Ministro das Relações Exteriores do Catar, Dr. Majed bin Mohammed Al Ansari o país fez grandes esforços que levaram à reaproximação entre o Irã e os Estados Unidos. O Catar desempenhou um papel como um mediador vital e decisivo, buscando estabelecer controles realistas e aceitáveis para ambas as partes. O acordo foi precedido por visitas intensivas e frequentes de autoridades catarianas à Washington e Teerã, e por reuniões diretas e indiretas para alcançar este resultado promissor ¹⁹.

Outro exemplo de destaque foi uma troca de prisioneiros entre Estados Unidos e Venezuela em dezembro de 2023. Na ocasião, a Venezuela libertou dez prisioneiros americanos em troca de um prisioneiro venezuelano, após uma série de sessões de mediação entre as duas partes. O então Ministro das Relações Exteriores também fez questão de enfatizar que essa medida faz parte de um esforço de mediação mais amplo, com o objetivo de abordar questões pendentes entre os dois países ²⁰.

Em Janeiro de 2025, o Catar também intermediou a liberação de detidos entre os Estados Unidos e o Afeganistão. O Ministro das Relações Exteriores afirmou que os bons ofícios do Estado do Catar resultaram na libertação dos

¹⁷ QATAR'S MEDIATION EFFORTS. [S. l.]: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/foreign-policy/mediation/mediation>. Acesso em: 16 jan. 2026.

¹⁸ OFFICIAL Spokesperson for Ministry of Foreign Affairs: Qatari Efforts Led to Iranian-American Prisoner Swap Deal. Doha: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 15 ago. 2025. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/1445/01/28/official-spokesperson-for-ministry-of-foreign-affairs-qatari-efforts-led-to-iranian-american-prisoner-swap-deal>. Acesso em: 19 jan. 2026.

¹⁹ Idem

²⁰ QATAR Announces Successful Mediation Between US and Bolivarian Republic of Venezuela on Prisoner Swap Deal. Doha: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/1445/06/08/qatar-announces-successful-mediation-between-us-and-bolivarian-republic-of-venezuela-on-prisoner-swap-deal>. Acesso em: 19 jan. 2026.

prisioneiros. Ele ressaltou que todos chegaram a Doha e que as providências necessárias foram tomadas para o seu retorno aos respectivos países e manifestou a esperança de que este acordo abra caminho para alcançar maiores entendimentos como meio de resolver disputas por vias pacíficas ²¹.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o Catar visa, através desses acordos que resultam na troca de prisioneiros, alcançar entendimentos e acordos mais amplos que levem à uma melhora e possivelmente normalização entre países com relações difíceis. Isso indica que o Catar, além de querer ser visto como um país engajado em questões humanitárias, também quer passar a imagem de um estado que busca normalizar relações entre outros estados, mesmo aqueles que não estão envolvidos em conflitos armados diretamente um contra o outro, como Estados Unidos e Irã, Estados Unidos e Venezuela, entre outros.

No recente conflito entre Israel e Hamas iniciado em 2023, o Catar também tem buscado ativamente se colocar como um estado preocupado com a situação humanitária em Gaza. Em Novembro de 2023, um mês após o início das hostilidades, o Catar desempenhou um papel primordial em um acordo que envolveu uma trégua de quatro dias para que 50 mulheres, crianças e adolescentes menores de 19 anos feitos reféns pelo Hamas pudessem ser libertados em troca da libertação de 150 mulheres e adolescentes palestinos detidos por Israel ²². Nesse contexto, destaca-se o fato de que embora o Hamas tenha um escritório político em Doha, o governo catari manteve canais de comunicação abertos com Israel, diferentemente de outros estados árabes do Golfo ²³.

No caso específico do conflito entre Israel-Hamas e da situação humanitária na Faixa de Gaza, também é importante destacar o interesse do Catar na estabilidade regional, um dos motivos que levaram o país a se engajar em processos de mediação e diplomacia humanitária nas últimas décadas, para além da tentativa de angariar

²¹ THE STATE of Qatar announces the successful facilitation of a detainee swap between the United States of America and Afghanistan. Doha: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/2025/01/21/the-state-of-qatar-announces-the-successful-facilitation-of-a-detainee-swap-between-the-united-states-of-america-and-afghanistan>. Acesso em: 19 jan. 2026.

²² ISRAEL–HAMAS war: The hostage deal and ceasefire explained. [S. l.]: Reuters, 27 nov. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/israelhamas-war-hostage-deal-ceasefire-gaza-2023-11-22/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

²³ Idem

apoio e simpatia, seja de outros países no campo diplomático, seja de populações afetadas em contextos de conflitos.

Outro conflito de grande relevância mundial na atualidade, a guerra entre Rússia e Ucrânia, também contou com a mediação do Catar em questões humanitárias. Em abril de 2024, o país intermediou a liberação de crianças russas e ucranianas sequestradas e deslocadas, sendo que essa ainda é uma das questões mais sensíveis desse conflito ²⁴. As negociações começaram ainda em 2023, Quando o primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores, Sheikh Mohammed bin Abdulrahman bin Jassim Al Thani, visitou a Rússia e a Ucrânia, onde lhe foi solicitado que mediasse processos de reunificação familiar. Durante o processo, as famílias ucranianas e russas foram levadas à capital Doha para receberem cuidados de saúde e apoio nos esforços de mediação em curso para a reunificação familiar ²⁵.

Além disso, a comissária russa para os direitos da criança, Maria Lvova-Belova, destacou que esta foi a primeira vez que foram realizadas negociações presenciais entre Ucrânia e Rússia, ainda que o comissário de direitos humanos do parlamento ucraniano, Dmytro Lubinets, tenha se recusado a confirmar essa informação, afirmando que os dois países não tiveram qualquer comunicação direta sobre este caso ²⁶. Esse caso também ilustra como o Catar conseguiu se posicionar como um mediador confiável nos mais variados contextos, uma vez que o país foi solicitado para atuar em diferentes negociações mostrando, portanto, que está bem posicionado e conta com respeito internacional em processos de mediação.

O Catar também atua constantemente na liberação de prisioneiros em diversos contextos, sem necessariamente envolver uma troca com alguma outra parte. Entre janeiro e fevereiro de 2024, o país conseguiu a liberação de dois cidadãos estrangeiros detidos no Afeganistão, a do argentino Benjamin Sinonegui e a do austríaco Herbert Fritz ²⁷.

²⁴ QATAR hails mediation ‘milestone’ as it hosts freed Ukrainian, Russian kids: Twenty reunited Ukrainian and Russian families are in Doha to receive support as part of Qatar’s ongoing mediation efforts.. [S. l.]: Al Jazeera, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/4/25/qatar-hails-mediation-milestone-as-it-hosts-freed-ukrainian-russian-kids>. Acesso em: 20 jan. 2026.

²⁵ Idem

²⁶ Idem

²⁷ QATAR’S MEDIATION EFFORTS. [S. l.]: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/foreign-policy/mediation/mediation>. Acesso em: 16 jan. 2026.

É importante destacar que o Catar vêm desempenhando um papel ativo no Afeganistão desde que o Talibã retornou ao poder em 2021. O país vem trabalhando como um mediador imparcial nas negociações com grupo, ao mesmo tempo em que auxilia nas evacuações em andamento de cidadãos estrangeiros e afegãos vulneráveis ²⁸.

Em 2023, o país também negociou a libertação do dissidente ruandês Paul Rusesabagina. O Catar manteve diversos contatos para mediar as visões entre Ruanda e os Estados Unidos, visando a aceitação do pedido de clemência apresentado pelo dissidente ruandês e seus companheiros, com o objetivo de reduzir a pena e, conseqüentemente, libertar-se. Como resultado, o governo ruandês aceitou o pedido ²⁹.

Esses dados e exemplos ilustram, portanto, como o Catar conseguiu se tornar um mediador de sucesso em processos que envolvem troca de prisioneiros ou liberação de prisioneiros nos mais variados contextos. Isso ilustra como o país procura se colocar como preocupado com causas humanitárias, para além da busca por projeção de poder e influência.

5

Conclusão

Como discutido, o Catar possui diversas e poderosas ferramentas de soft power a sua disposição, que vão desde sua inserção nos esportes, passando pelo investimento em meios de comunicação como a Al Jazeera e na atuação em campos como a mediação de conflitos armados e a diplomacia humanitária. Com a utilização dessas ferramentas, o país conseguiu expandir sua influência internacional, sobretudo na região do Oriente Médio. Se, antes de 1995, o Catar

²⁸ QATAR is an 'impartial mediator' amid Afghanistan evacuations: FM: Doha is stressing to the Taliban the importance of being an 'engaging party as part of Afghan society', Qatari foreign minister says.. [S. l.]: Al Jazeera, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/8/23/qatar-facilitating-movement-of-evacuees-to-kabul-airport-fm>. Acesso em: 21 jan. 2026.

²⁹ SPOKESPERSON for Ministry of Foreign Affairs Thanks Rwanda, US for Cooperation to Release Rwandan Dissident Rusesabagina. Doha: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 28 mar. 2025. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/1444/09/06/spokesperson-for-ministry-of-foreign-affairs-thanks-rwanda-us-for-cooperation-to-release-rwandan-dissident-rusesabagina>. Acesso em: 21 jan. 2026.

normalmente se deixava influenciar pela Arábia Saudita, a partir de então passou a atuar com mais independência e assertividade.

Além disso, essa inserção internacional acompanhou o crescimento da economia do país impulsionado pelas receitas de petróleo e gás natural. Essas receitas têm sido fundamentais para financiar e impulsionar muitos dos projetos de soft power do Catar. Esses investimentos sem dúvidas trouxeram retornos para o Catar. Além da inserção internacional na região do Oriente Médio, o país também passou a receber atenção global, sobretudo quando venceu a candidatura para sediar a Copa do Mundo de 2022, em dezembro de 2010. Essa vitória surpreendente representou um sucesso impressionante para a "marca" catari (BARAKAT, 2014, p. 29). Entretanto, essa atenção global também veio acompanhada de custos. O país também passou a receber severas críticas, sobretudo por parte da imprensa ocidental, que passou a dar mais visibilidade à situação dos direitos humanos no país, sobretudo a situação dos trabalhadores estrangeiros.

Em relação aos processos de mediação, sem dúvida o Catar conseguiu, de forma eficaz, se posicionar como um mediador confiável e imparcial, passando a ser cada vez mais requisitado para mediar conflitos e disputas internacionais. Isso sem dúvida também representa um ganho para o país, sobretudo em termos de influência e prestígio.

O Catar conseguiu ganhar especial destaque também no campo da diplomacia humanitária, promovendo ações humanitárias em contextos de conflitos. Nesse aspecto, o país se destaca especialmente em mediações envolvendo troca de prisioneiros, em ambientes de conflitos mas também entre países que não possuem relações diplomáticas formais.

Mas mesmo em processos de mediação, o Catar enfrenta limitações e é alvo de críticas. Uma das críticas feitas à mediação catari é a deficiência do país em conseguir implementar acordos de longo prazo, que é considerada uma das fases mais importantes em processos de resolução de conflitos. Além disso, especialmente a partir de 2011, com a eclosão da Primavera árabe, o Catar passou apoiar determinados grupos e movimentos, o que despertou críticas de intervencionismo em assuntos internos de outros estados, além de ter provocado desconfiança e deteriorado as relações com países vizinhos. Nesse contexto, a Al

Jazeera esteve no centro das atenções, recebendo elogios mas também sendo alvo de críticas pela forma com que cobria os acontecimentos no Oriente Médio. Naquele contexto isso fez com a imparcialidade do Catar para mediar conflitos fosse questionada (BARAKAT, 2014, p. 34).

Sem dúvida, o ponto mais crítico nas relações com os outros estados árabes foi a crise de 2017, em que o país foi alvo de um bloqueio diplomático. Isso ilustra, portanto, que o soft power do Catar nem sempre foi suficiente para fazer com que outros estados se sentissem influenciados.

Diante do cenário exposto, é possível concluir que o Catar possui de fato uma ampla experiência em processos de mediação, utilizando métodos como a diplomacia de segunda via, que permite a construção de confiança entre lados opostos, e a realização de negociações de paz. Uma outra habilidade do Catar que merece destaque é a capacidade de estabelecer laços profundos com determinados grupos, como o Hamas e o Talibã, que outros países não conseguem.

Os resultados do soft power desenvolvido pelo Catar nas últimas décadas podem ser considerados mistos. Ao mesmo tempo em que o país conseguiu se projetar internacionalmente das mais variadas formas, ele também atraiu críticas e gerou relações conturbadas com países vizinhos.

6

Referências Bibliográficas

AL- MOHANNADI, Aljazi Majid M. A. **Mediation as a Peaceful Means of Conflict Resolution: The Experience of the State of Qatar**. Orientador: Dr. Eleni Polymenopoulou. 2024. 135 p. Tese (Mestrado em Direito Internacional e Relações Exteriores) - Hamad Bin Khalifa University, [S. /], 2024.

BARAKAT, Sultan. Niche small States in humanitarian diplomacy: Qatar's positionality in the protection ecosystem. **International Review of the Red Cross**, v. 106, n. 926, p. 585–609, 2024.

BARAKAT, Sultan. Priorities and challenges of Qatar's Humanitarian Diplomacy. **CMI BRIEF**, v. 7, p. 1–6, 2019.

BARAKAT, Sultan. Qatari Mediation: Between Ambition and Achievement. **Brookings Doha Analysis Paper**, [s. l.], n. 12, p. 2-51, 1 nov. 2014.

BOATENG, Osman Antwi. THE RISE OF QATAR AS A SOFT POWER AND THE CHALLENGES.. *In*: CUNDIFF, Kirby R. *et al.* **1 st Eurasian Multidisciplinary Forum**,. [S. l.]: European Scientific Institute, 2013. v. 2, cap. 39-51, ISBN 978-608-4642-11-4.

BOGATYREVA, O. Humanitarian Diplomacy: Modern Concepts and Approaches. **Herald of the Russian Academy of Sciences**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 1349-1365, 25 out. 2022.

BRANNAGAN, Paul Michael; GIULIANOTTI, Richard. The soft power–soft disempowerment nexus: the case of Qatar. **International Affairs**, v. 94, n. 5, p. 1139–1157, 2018.

DE LAURI, Antonio. Humanitarian Diplomacy: A New Research Agenda. **CMI BRIEF**, v. 4, p. 1–4, 2018.

DUURSMA, Allard. A current literature review of international mediation. **International Journal of Conflict Management**, v. 25, n. 1, p. 81–98, 2014.

ISRAEL–HAMAS war: The hostage deal and ceasefire explained. [S. l.]: Reuters, 27 nov. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/israelhamas-war-hostage-deal-ceasefire-gaza-2023-11-22/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

KAMRAVA, Mehran. Mediation and Qatari Foreign policy. **The Middle East Journal**, v. 65, n. 4, p. 539–556, 2011.

MINISTER of State for Foreign Affairs: Mediation Is Essential Tool for Solving International Disputes. Oslo: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 11 jun. 2024. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/2024/06/11/minister-of-state-for-foreign-affairs--mediation-is-essential-tool-for-solving-international-disputes>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MLADENOV, Nickolay. **The Arab Approach to Mediation—Reshaping Diplomacy in a Multipolar World**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/arab-approach-meditation-reshaping-diplomacy-multipolar-world>. Acesso em: 16 jan. 2026.

NAIER, Taha; ALTUNTAŞ ÇAKIR, Dr. Ravza. Qatar Soft Power: From Rising to the Crisis. **International Journal of Business and Applied Social Science**, v. 7, n. 8, p. 43–52, 2021.

NYE, Joseph S. Soft Power. **Foreign Policy**, n. 80, p. 153-171, 1990.

NYE, Joseph S. **Soft power: the means to success in world politics**. New York: PublicAffairs, 2009

OFFICIAL Spokesperson for Ministry of Foreign Affairs: Qatari Efforts Led to Iranian-American Prisoner Swap Deal. Doha: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 15 ago. 2025. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/1445/01/28/official-spokesperson-for-ministry-of-foreign-affairs-qatari-efforts-led-to-iranian-american-prisoner-swap-deal>. Acesso em: 19 jan. 2026.

OYBEK, Sharofiddinov. QATAR'S MEDIATION DIPLOMACY: ITS ROLE IN MIDDLE EAST CONFLICT RESOLUTION. v. 3, n. 10, p. 515–522, 2024.

QATAR Announces Successful Mediation Between US and Bolivarian Republic of Venezuela on Prisoner Swap Deal. Doha: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/1445/06/08/qatar-announces-successful-mediation-between-us-and-bolivarian-republic-of-venezuela-on-prisoner-swap-deal>. Acesso em: 19 jan. 2026.

QATAR hails mediation 'milestone' as it hosts freed Ukrainian, Russian kids: Twenty reunited Ukrainian and Russian families are in Doha to receive support as part of Qatar's ongoing mediation efforts.. [S. l.]: Al Jazeera, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/4/25/qatar-hails-mediation-milestone-as-it-hosts-freed-ukrainian-russian-kids>. Acesso em: 20 jan. 2026.

QATAR is an 'impartial mediator' amid Afghanistan evacuations: FM: Doha is stressing to the Taliban the importance of being an 'engaging party as part of Afghan society', Qatari foreign minister says.. [S. l.]: Al Jazeera, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/8/23/qatar-facilitating-movement-of-evacuees-to-kabul-airport-fm>. Acesso em: 21 jan. 2026.

QATAR - Historical Background. In: METZ, Helem Chapin. **Persian Gulf States: A Country Study**. Washington: GPO for the Library of Congress, 1993. Disponível em: <https://countrystudies.us/persian-gulf-states/68.htm>. Acesso em: 15 jan. 2026.

QATAR'S MEDIATION EFFORTS. [S. l.]: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/foreign-policy/mediation/mediation>. Acesso em: 16 jan. 2026.

SPOKESPERSON for Ministry of Foreign Affairs Thanks Rwanda, US for Cooperation to Release Rwandan Dissident Rusesabagina. Doha: Ministry

of Foreign Affairs - State of Qatar, 28 mar. 2025. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/1444/09/06/spokesperson-for-ministry-of-foreign-affairs-thanks-rwanda-us-for-cooperation-to-release-rwandan-dissident-rusesabagina>. Acesso em: 21 jan. 2026.

SYSTEM of Government. [S. l.]: Amiri Diwan. Disponível em: https://www.diwan.gov.qa/about-qatar/system-of-government?sc_lang=en. Acesso em: 2 jan. 2026.

TAXA de Crescimento Anual do PIB do Catar. [S. l.]: Trading Economics, 2025. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/qatar/gdp-growth-annual>. Acesso em: 2 jan. 2026.

THE STATE of Qatar announces the successful facilitation of a detainee swap between the United States of America and Afghanistan. Doha: Ministry of Foreign Affairs - State of Qatar, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/qatar/latest-articles/latest-news/details/2025/01/21/the-state-of-qatar-announces-the-successful-facilitation-of-a-detainee-swap-between-the-united-states-of-america-and-afghanistan>. Acesso em: 19 jan. 2026.

WORLD Report 2020: Qatar. [S. l.]: Human Rights Watch, 2020. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2020/country-chapters/qatar>. Acesso em: 16 jan. 2026.